mais acometidos por essa patologia, tendo baixa probabilidade de um desfecho negativo a vida do paciente. Desse modo, os fatores associados como sexo, idade, escolaridade e região de residência são altamente relevantes para o entendimento da dinâmica saúde-doença. Além disso, identificar os casos para subsidiar as ações de prevenção e de controle é imprescindível, pois a partir desses mecanismos a cadeia de transmissão é interrompida e o tratamento curativo pode ser feito de forma eficiente.

Palavras-chave: Sífilis Adquirida ISTs Infecções sexualmente transmissíveis Epidemiologia Perfil epidemiológico

https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103142

DESCRIÇÃO DOS CASOS DE ENDOCARDITE INFECCIOSA EM UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ENTRE 1978-2021

Claudio Querido Fortes[a,b,*], Isabela de Carvalho Leitão[a], Natália Rodrigues Querido Fortes[a,c], João Roquete Fleury da Rocha[a], Roberto Muniz Ferreira[a], Juliano Carvalho Gomes de Almeida[a], Luiz Felipe de Abreu Guimarães[a], Plínio Resende do Carmo Junior[a], Ronir Raggio Luiz[a], Mauro Paes Leme[a]

[a] *Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil;*
[b] *Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, RJ, Brasil;*
[c] *Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil*

Introdução: A endocardite infecciosa (EI) continua sendo uma infecção devastadora a despeito de todo progresso em seu diagnóstico e tratamento.

Objetivo: Descrição clínica dos pacientes com EI internados em um hospital universitário (HU).

Métodos: Estudo retrospectivo de uma série prospectiva de 639 pacientes, admitidos em um HU entre os anos de 1978 e 2021, diagnosticados com EI, classificados como casos definitivos ou possíveis de acordo com os critérios de Duke modificados.

Resultados: Foram diagnosticados 708 episódios de EI dentre os 639 pacientes. Desses, 500 foram classificados como definitivos e 208 como possíveis. A idade dos indivíduos variou entre 18 e 93 anos, com a média de 45,5 ± 17,5. Nota-se uma tendência de envelhecimento da população estudada ao longo dos anos - entre 1978 e 1999, média 41,3 ± 16,6 anos e entre 2000 e 2021 de 51,7 ± 17 ($p < 0,001$). Em 251 (35,5%) dos episódios os pacientes apresentavam comorbidades, sendo as mais comuns doença renal crônica em hemodiálise e diabetes mellitus em 75 (10,6%) e 67 (9,5%) indivíduos respectivamente. Na maior parte dos episódios (412 (58,2%)), os pacientes apresentavam alguma condição cardíaca predisponente ao desenvolvimento de EI. Em 154 (21,8%) desses episódios o paciente era portador de prótese valvar. A principal válvula cardíaca acometida pela EI foi a válvula mitral nativa de forma isolada, em 190 (26,8%) casos. Em seguida, a válvula aórtica nativa de forma isolada - 152 (21,5%) casos, próteses valvares - 118 (16,7%), válvula tricúspide isolada - 66 (9,3%) e o comprometimento combinado de válvula mitral e aórtica em 55 (7,8%) episódios. Dos 416 (58,8%) episódios em que as hemoculturas foram positivas, os microrganismos mais frequentemente isolados foram Staphylococcus aureus (122 (29,3%)), Streptococcus do grupo viridans (99 (23,8%)) e Enterococcus spp. (43 (10.3%)). Em 260 casos (36,7%) não houve detecção/isolamento do microorganismo causador. A maior parte dos episódios foram adquiridos na comunidade 482 (68,1%). Em 230 (32,5%) dos episódios o paciente foi submetido à troca valvar. Em 35,5% dos episódios os pacientes evoluíram para o óbito. Quando analisou-se o desfecho fatal relacionando com o período em que o paciente foi internado, observou-se um aumento significativo dos óbitos nas duas últimas décadas ($p = 0,02$).

Conclusão: A EI é uma infecção grave cuja mortalidade está aumentando. Tal desfecho pode estar associado ao envelhecimento dos pacientes e maior prevalência de comorbidade

Palavras-chave: Endocardite Infecciosa Infecção cardiovascular Enterococcus spp Staphylococcus aureus Epidemiologia

https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103143

DESFECHOS DE HOSPITALIZAÇÃO, COINFECÇÕES E COLONIZAÇÃO POR STREPTOCOCCUS PNEUMONIAE EM PARTICIPANTES SINTOMÁTICOS RESPIRATÓRIOS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Ingrid Rodrigues Fernandes[a,*], Márcia Polese-Bonatto[a], Muriel Primon-Barros[a], Ivaine Tais Sauthier Sartor[a], Fernanda Hammes Varela[a], Clara Mendonça de Carvalho[b], Luciane Beatriz Kern[a], Thais Raupp Azevedo[a], Gabriela Oliveira Zavaglia[a], Caroline Nespolo de David[a], Marcelo Comerlato Scotta[c], Renato T. Stein[a], Cícero Armídio Gomes Dias[b]

[a] *Hospital Moinhos de Vento, Porto Alegre, RS, Brasil;*
[b] *Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), Porto Alegre, RS, Brasil;*
[c] *Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil*

Introdução: O Streptococcus pneumoniae é uma das principais bactérias associadas a coinfecções virais. Informações quanto à colonização pneumocócica e coinfecções são limitadas, incluindo uma possível associação com SARS-CoV-2. O objetivo deste estudo foi descrever as frequências de colonização de S. pneumoniae e identificação outros agentes respiratórios patogênicos comuns, durante o primeiro ano da pandemia de COVID-19.

Métodos: Estudo observacional prospectivo em participantes com idade >10 anos, com sintomas respiratórios, entre maio e novembro/2020. Foi realizado um painel respiratório abrangente para detecção de agentes respiratórios por RT-PCR, e nos positivos para S. pneumoniae seguiu-se com a identificação de 21 sorotipos. Foram coletadas informações clínicas e dados sobre gravidade/hospitalização.